

Self: Um Conceito em Desenvolvimento

Lídia Suzana Rocha de Macedo¹

Amanda da Costa da Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil

Resumo: Diversas definições de *self* coexistem nas teorias e práticas psicológicas. Essa variedade é resultante de bases epistemológicas a partir das quais se adotam estratégias diferentes para abordar e demarcar os limites do objeto em questão e descrevê-lo. Este estudo teve como objetivo oferecer uma revisão dos conceitos de *self* e uma reflexão sobre como esse conceito se articula nas diferentes abordagens teóricas da psicologia. Destaca-se que dilemas centrais à psicologia do desenvolvimento atravessam o conceito de *self*. Por essa razão, apresenta-se a tese de que, ao analisar cada definição de *self*, deve-se buscar responder como cada teoria colocou-se diante das dicotomias estabilidade versus transformação, específico versus universal e mundo interno versus mundo externo.

Palavras-chave: psicologia do *self*, epistemologia, psicologia do desenvolvimento

Self: A Concept in Development

Abstract: Many definitions for the self coexist in the psychological theory and praxis. This diversity is a result of epistemological basis from which different strategies are selected in order to approach, describe and limit the target object. This paper aims to provide a review on concepts concerning the self and a reflection on how this concept is articulated in different Psychology theoretical approaches. The impact of the central dilemmas of developmental Psychology to the concept of self is also discussed. Thus, this paper suggests a systematic approach in order to analyze each self definition: One should seek to answer how each theory has positioned itself in relation to the dicotomies of stability versus transformation, specific versus universal, and inner world versus external world.

Keywords: self psychology, epistemology, developmental psychology

Self: Un Concepto en Desarrollo

Resumen: Diversas definiciones de *self* coexisten en las teorías y prácticas psicológicas. Esta diversidad resulta de bases epistemológicas donde diferentes estrategias son seleccionadas para aproximar, describir y limitar el objeto blanco. Este estudio tuvo como objetivo ofrecer una revisión de los conceptos de *self* y una reflexión sobre cómo este concepto se articula en diferentes enfoques teóricos de la psicología. El impacto de los dilemas centrales de la psicología de desarrollo en el concepto del *self* también son discutidos. Así, este artículo sugiere una aproximación sistemática para analizar cada definición del *self*: se debe intentar responder como cada teoría se posicionó delante de las dicotomías estabilidad versus transformación, específico versus universal y mundo interno versus mundo externo.

Palabras clave: psicología del *self*, epistemología, psicología del desarrollo

Nesse exato momento, nos Urais asiáticos, meninos das tribos remanescentes dos mongóis estão aprendendo a fazer cabanas com seus pais, da mesma maneira que seus antepassados as faziam há centenas de anos. As tradições da tribo mostram o que o futuro reserva para as próximas gerações. Na convivência com os demais, as crianças podem conhecer todos os papéis possíveis a desempenhar na vida em comunidade. Percebe-se, facilmente, que o *self* que se constrói e se transforma nesse contexto é diferente daquele de uma criança da mesma idade nascida em qualquer centro urbano ocidental. O conceito de *self* é, portanto, um tema complexo.

Não há uma tradução direta para a palavra *self* em muitos idiomas, mas existem palavras que conduzem naturalmente ao papel que um *self* pode ter (Strawson, 2005), ainda que esse possa diferir em cada cultura. Em uma definição

sucinta, *self* inclui um corpo físico, processos de pensamento e uma experiência consciente de que alguém é único e se diferencia dos outros, o que envolve a representação mental de experiências pessoais (Gazzaniga & Heatherton, 2003). Essa definição destaca características permanentes e universais e não discrimina as mudanças que ocorrem durante o desenvolvimento ou entre diferentes culturas. Em contraste, autores pós-modernos (Gergen, 1985; Shotter, 1997) questionam a existência do acesso a uma verdade universal e de uma perspectiva individual desengajada de um contexto relacional. Shotter ainda argumenta que mentes, *selves* ou psíquês existem como tais somente quando encaixados em nossas práticas discursivas. Outros têm uma posição intermediária, como a de Chandler (2000), que considera que, para sobreviver como possíveis objetos do conhecimento, sem cair na incoerência, os *selves* de cada idade e segmento cultural precisam ser entendidos como capazes de mudar, preservando algumas características que asseguram um sentido de continuidade. Atualmente, essas diversas definições de *self*, que surgiram em momentos históricos diferentes, coexistem.

¹Endereço para correspondência:
Lídia Suzana Rocha de Macedo. Avenida Nilo Peçanha, 2715/202. CEP 91.330-001. Porto Alegre-RS, Brasil. E-mail: lidiasrmacedo@gmail.com

O conceito *self* é usado de forma generalizada na clínica e na pesquisa, o que torna difícil reconhecer, de imediato, qual a perspectiva epistemológica adotada ao se falar de *self*. As abordagens teóricas fundamentam-se em diferentes concepções para compreender o ser humano, o que traz implicações diretas na maneira de descrever o *self*. Entre os muitos dilemas com os quais as teorias sobre o *self* se defrontam, Bamberg e Zielke (2007) destacam três que estão altamente inter-relacionados: (1) a questão da identidade e de sentir-se o mesmo, ou seja, como é possível considerar-se o mesmo face a constantes mudanças; (2) a questão de sentir-se único e o mesmo, ou seja, se é possível considerar-se como único apesar de ser o mesmo como qualquer outro (e vice-versa); e (3) a questão de quem é o encarregado da construção, isto é, se é a pessoa quem constrói o mundo do jeito que é ou se a pessoa é construída pelo modo como o mundo é. Deve-se buscar responder dialeticamente essas questões, segundo os autores, verificando se as teorias enfatizam a continuidade ou a mudança; a unicidade/especificidade ou a generalidade/universalidade e qual a direção para a construção do *self*, da pessoa para o mundo ou do mundo para a pessoa. Essa última questão também é proposta em outros termos, como maturacionismo *versus* aprendizagem, nativismo *versus* empirismo e hereditariedade *versus* ambientalismo. Bamberg (2008) argumenta que não é possível tomar ambos os princípios opostos simultaneamente, e que uma escolha se impõe. Contudo, como se verá nesse estudo, há casos em que princípios opostos dividem a primazia.

Este estudo, portanto, teve como objetivo oferecer uma revisão dos conceitos de *self* e uma reflexão sobre como esse conceito se articula nas diferentes abordagens teóricas da psicologia. Bamberg (2008) e Bamberg e Zielke (2007) sugeriram uma categorização para o posicionamento crítico frente à diversidade de abordagens do conceito, e este estudo oferece, de forma didática, uma análise do conceito baseada no eixo de análise de Bamberg. Foram revisados os artigos teóricos e pesquisas produzidas nos últimos 15 anos e, como condição necessária para revisar um conceito teórico, foram incluídos vários trabalhos considerados clássicos na literatura sobre o tema. Foram feitas buscas com o descritor *self* nos portais BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) Psicologia, SciELO (biblioteca de revistas e artigos científicos brasileiros) e PsycINFO da APA (*American Psychology Association*). Por fim, fez-se o cruzamento das referências para verificar as mais citadas e, então, acessá-las.

As diferentes compreensões acerca do *self*, como frutos da capacidade reflexiva humana, foram influenciadas pelos demais movimentos na produção de conhecimento da humanidade. De início, destacam-se influências importantes na transformação das ideias sobre a existência de um *self*. A seguir, discute-se como cada teoria sobre o *self* se posiciona em relação ao dilema da identidade, ao dilema de sentir-se único e o mesmo, e ao dilema de “quem é o encarregado da construção”, isto é, se o desenvolvimento do *self* se dá na direção *self*-mundo externo ou mundo externo-*self*. As teorias sobre

o *self* também são classificadas de acordo com a existência de fronteiras claras entre mundo interno e mundo externo até as fronteiras difusas, ou mesmo, à ideia de que não existe algo estável no interior do indivíduo.

Possíveis Origens das Transformações nas Ideias sobre o Self

A definição de *self* é uma construção relativamente recente. Porém, desde a Antiguidade o homem busca compreender esse algo em seu interior. A produção de conhecimentos na filosofia, a história e o desenvolvimento da cultura ocidental e as pesquisas recentes, especialmente em neurociências e psicologia do desenvolvimento, exercem influências que acarretam transformações no conceito de *self*.

No que concerne à filosofia, as concepções filosóficas sobre o homem que surgiram ao longo do tempo influenciaram a compreensão sobre o *self* (Oliveira, 2006; Rasesa, Guanaes, & Japur, 2004; Souza & Gomes, 2009). Os antigos filósofos entendiam que o ser era concebido de uma vez, totalmente completo e perfeito. Para Chandler (2000), as concepções mais importantes foram: (1) o homem como resultando de um sistema de essências, de Schlesinger; (2) o *self* transcendental e imutável, de Platão; (3) o ser que vivia um dualismo entre o corpo e o espírito, conforme Descartes; (4) o ser que era equipado com categorias universais na mente, como queria Kant. Para o autor, havia uma preocupação com um estado de permanência e certo desprezo pela mudança. Decorreu daí a ideia de *self* como entidade ou da existência de um núcleo essencialista, e a procura por alguma substância duradoura, como o ego, o espírito ou a alma. Na Psicologia, a visão de *self* mais frequente se origina da tradição filosófica que começa em Descartes, passa por Kant e chega em Piaget (Oliveira, 2006). Trata-se do *self* como “si mesmo”, a tomada de consciência de ser uma entidade independente e autônoma em relação ao outro. Uma visão racionalista do psiquismo, que ressalta uma perspectiva individualista, pois descreve algo que se passa no interior do sujeito.

No que concerne à influência cultural, Nelson (2003) argumenta que o lugar e o grau de diferenciação do *self* na cultura sofrem transformações como resultado de processos históricos. Até o século XVII, a visão de mundo no ocidente era a de uma realidade duradoura na qual cada ciclo de vida era determinado em termos do lugar que a pessoa ocupava na sociedade. Assim, na maioria das civilizações havia uma pequena demanda para os indivíduos buscarem autodefinições para as suas próprias vidas. Por essa razão, a arte e a literatura expressavam narrativas comuns da cultura, e não as vidas específicas de indivíduos. Os indivíduos tinham pouco incentivo para compor um passado individualizado e um projeto único de aspirações individuais para o futuro. Não havia uma demanda para construir uma história sobre o próprio *self*. A situação muda a partir do século XVIII, quando surge uma perspectiva individualista para a existência humana, a qual terá repercussões na origem de importantes teorias psicológicas.

Gergen (1991) destaca algumas mudanças na concepção do *self* nos últimos dois séculos, integrando influências sociais, tecnológicas e filosóficas. No século XIX há uma visão romântica do *self* que atribui a cada indivíduo traços de personalidade, emoções, moralidade e criatividade. Já no século XX, toma força a visão modernista do *self*, que valoriza a capacidade de raciocínio para resolver problemas, desenvolver conceitos, opiniões e intenções conscientes. Essas visões influenciaram o pensamento científico sobre o homem até o final do século XX, quando entram em colapso devido, principalmente, às transformações propiciadas pelas tecnologias midiáticas disponíveis para a imersão dos indivíduos no mundo social. Em função da adesão da sociedade a esse ritmo acelerado de mudanças, discute-se a própria ideia da necessidade humana de se reconhecer como o mesmo (a “mesmidade” de John Locke) (Casas, 2005).

Para Gergen (1991), todas essas transformações conduziram à erosão do *self* identificável, característica da pós-modernidade. O autor explica que a cultura é constituída por um sistema de significados, ações, artefatos e instituições, que são reconhecíveis e compartilhados por um determinado grupo social. Ao longo do tempo, esse compartilhar gera um senso de submissão ou pertencimento, que auxilia os indivíduos a se diferenciarem como membros de um grupo e não-membros de outro. Em tempos de globalização e da transmissão de informações em alta velocidade e sem fronteiras físicas, há uma constante construção de novos significados com os quais cada indivíduo tem de lidar, dificultando-lhe a tarefa de construir uma identidade e de definir a que cultura o seu modo de vida pertence.

No que tange à influência de achados de pesquisas, constata-se que abordagens empíricas e epistemológicas diferentes têm investigado a questão da origem e natureza do *self*. Desde a perspectiva evolucionista, as interações humanas criam conexões neurais a partir das quais a mente emergiria, como explicam Oliva, Dias e Reis (2009). As pesquisas enfocam a atuação do ambiente na configuração dos circuitos sinápticos para explicar como a experiência de um si mesmo emerge. Nessa visão, a construção do *self* seguiria uma rota ancestral de evolução, mas seria dependente do contexto social e histórico em que esse processo ocorre. Cabe observar que, desde uma orientação psicanalítica, Winnicott propõe *self* como um potencial herdado que, para emergir, necessita da experiência vivida na relação com o outro (Galván & Amiralian, 2009; Winnicott, 1983). Trata-se de uma aproximação entre abordagens teóricas distintas.

Desde a psicologia do desenvolvimento, Chandler (2000) investigou a percepção de adolescentes sobre mudanças e continuidades que eles percebiam em si mesmos, descobrindo que suas respostas ou enfatizavam o aspecto entidade ou relacional do *self*. De um lado, examina-se a configuração de circuitos sinápticos e de outro se pede diretamente aos envolvidos que descrevam como experimentam a si mesmos. Essas diferenças metodológicas podem ser consequência do fato do *self* ser tomado como um objeto natural

ou algo historicamente construído (Páramo, 2008). Contudo, apesar das diferenças teóricas e metodológicas, é possível perceber que todas essas contribuições podem ajudar a compreender o *self*.

Examinar a compreensão de *self* dos filósofos gregos, as reflexões pós-modernas acerca do *self* e da cultura e os resultados de pesquisas empíricas sobre o *self* permite compreender a complexidade do *self* enquanto objeto de estudo na ciência psicológica. Busca-se, a seguir, identificar quando e onde as diferentes abordagens teóricas para o *self* podem ter seu potencial de explicação maximizado, destacando o que é valorizado e o que é desconsiderado em cada proposta.

O Conceito de *Self* nas Teorias Psicológicas

O início da análise científica do *self* dá-se a partir de 1890, com a publicação de *The Principles of Psychology* de William James (Ashmore & Jussim, 1997), mas esse segue sendo um tema de interesse. A busca pelo termo *self* na BVS Psicologia mostra 5813 resultados e no PsycINFO mostra 641 resultados (buscas realizadas em 20/06/2012).

Examinam-se a seguir abordagens teóricas que buscam definir *self* ou delimitar-lhe um espaço. Num primeiro momento, examinam-se perspectivas que destacam o sujeito de seu mundo/ambiente ou estabelecem um espaço dentro e outro fora. Num segundo momento, examina-se a origem das ideias que permeiam as novas teorias sobre o *self*, apresentam-se perspectivas que localizam o *self* em um espaço interno individual com fronteiras permeáveis e perspectivas em que não há algo como mundo interno.

Perspectivas que colocam fronteiras claras entre mundo interno e externo

De acordo com as respostas aos dilemas de Bamberg e Zielke (2007) pode-se classificar essas teorias em quatro subdivisões: (1) universalidade, continuidade e direção do desenvolvimento do *self* da pessoa para o mundo; (2) universalidade, continuidade e direção do desenvolvimento do *self* do mundo para a pessoa; (3) unicidade, continuidade e direção em duas vias para o desenvolvimento do *self*: da pessoa para o mundo e do mundo para a pessoa; (4) universalidade, continuidade e direção do desenvolvimento do *self* da pessoa para o mundo.

Universalidade, continuidade e direção do desenvolvimento: da pessoa para o mundo

Dentre os conceitos de *self* em uso, está a noção de *self* que implica a existência de disposições internas e mentais, como descrito na psicanálise. Guanaes e Japur (2003) examinaram as descrições para o *self* nas principais teorias psicanalíticas: psicologia do ego, teoria das relações objetais e psicologia do *self*. O conceito de *self* pode ter o sentido de Ego, como estrutura mental, e também indicar o *self* como experiência subjetiva individual de si mesmo. O construto

Ego é mais explorado e sistematizado na teoria. Há uma preocupação com características universais e estáveis no tempo. As autoras defendem que essas descrições para o *self* são essencialmente dualistas quanto à constituição da subjetividade e do psiquismo humano, pois pressupõem uma oposição entre mundo interno e mundo externo. Explicam que a dualidade está presente mesmo quando se defende a importância dos relacionamentos vividos para a constituição do *self*, pois se descreve o *self* em relação a algo que lhe é externo e essa relação representa um elo entre dois pólos distintos. Existem, portanto, fronteiras claras entre mundo interno e externo, e o *self* se constitui como uma entidade pontual nesta relação.

Universalidade, continuidade e direção do desenvolvimento: do mundo para a pessoa

No outro extremo da polaridade, a influência do ambiente, surge o behaviorismo, cujo foco de atenção é o comportamento. Essa perspectiva rejeita o estudo dos processos internos da mente ou do *self*, por entender que o acesso a dados objetivos sobre a mente é metodologicamente inviável. Foi a primeira revolução cognitiva que fez migrar a atenção dos comportamentos para os processos mentais subjacentes ao que as pessoas dizem e fazem (Herman, 2007). Propõe-se uma visão computacional do cérebro, procurando regras específicas de processamento ou modelos universais (Correia, 2003) e estáveis no tempo. Contudo, não se fornece informações sobre o interior da “caixa preta”, aquilo que implica a singularidade da mente, a existência de um *self* e a subjetividade da experiência humana. Assim, há um interesse nos dois pólos, interno e externo, mas permanece uma fronteira clara entre eles. Há uma segunda revolução cognitiva em andamento, em que a mente deixa de ser algo subjacente ao discurso, que apenas se torna compreensível através dele (Herman, 2007). Esse tópico será discutido mais adiante.

Unicidade, continuidade e direção do desenvolvimento: da pessoa para o mundo e do mundo para a pessoa

O humanismo surgiu como uma reação ao excesso de ênfase na influência do ambiente, o pólo externo, e, concomitantemente, apresentou uma reação ao determinismo do inconsciente na psicanálise, o pólo interno. Em consonância com movimentos fenomenológicos e existencialistas, os teóricos humanistas esforçaram-se para redirecionar a atenção aos processos e experiências interiores dos indivíduos. Coube a Rogers apresentar uma compreensão de *self* como um elemento fundamental da experiência do sujeito e um aspecto central da personalidade (Guimarães, 2005). Trata-se de um conceito fenomenológico de *self*, ou seja, um padrão de percepções conscientes que o indivíduo experimenta. Um conceito de *self* que enfatiza aspectos de caráter único e específico, e que busca padrões estáveis no tempo. Contudo, Rogers (1961/1995) também destacou a qualidade do *self* enquanto produto social, que se desenvolve nas relações interpessoais. Assim, são consideradas

duas vias para o desenvolvimento do *self*, sentido interior-exterior e sentido exterior-interior.

Universalidade, continuidade e direção do desenvolvimento: da pessoa para o mundo

As teorias humanistas e as concepções teóricas que surgiram em reação ao behaviorismo renovaram o interesse nos estudos das forças motivacionais internas e dos processos afetivos, ou seja, estudos voltados para o entendimento do *self* enquanto “caixa-preta” revelada. Gordon Allport (1897-1967) destaca-se por ser um dos pioneiros na busca por descritores de traços de personalidade. Seu trabalho influenciou modelos de personalidade como o *Big Five*, proposto por Hans Eysenck (1916-1997) e largamente referido na literatura atual. É também nesse contexto que surgem estudos dos constructos de autoestima, autoconceito, autoconsideração e manutenção de uma visão favorável de si (*self-enhancement*). Assim, há uma busca por características universais e estáveis no tempo, e a centralidade do *self* é assumida nos modelos de personalidade propostos por Allport e Eysenck e nos dos humanistas como Rogers.

As teorias que descrevem um *self* interno e centralizador têm sido criticadas pela ênfase excessiva no que ocorre dentro do indivíduo e pelo pouco interesse no que ocorre ao redor dele. Taylor (1992), por exemplo, comenta que se pode ter a ilusão de termos *selves* do mesmo modo como temos olhos, mãos ou pernas. Outros referem que o papel constitutivo do contexto cultural e dos processos sociais na formação do *self* é minimizado (Gergen, 1994; Richardson, Rogers, & McCarroll, 1998), obscurecendo suas origens históricas e sua natureza dependente da interpretação.

Perspectivas em que as fronteiras do mundo interno estão pouco delimitadas

Inicialmente, examinam-se contribuições teóricas que surgiram há muitos anos e influenciaram as teorias atuais sobre o *self*. A concepção de *self* em que mundo interno e externo se complementam surge pela primeira vez em William James (1842-1910). Ele propôs um *self* bipartido que é, em parte, sujeito ativo do conhecimento (eu) e, em outra parte, objeto passivo de ser conhecido (mim). James (1890/1990) defendeu que não havia propósito nas teorizações metafísicas a respeito da composição do “eu”. O autor define *self* como algo não apenas individual, mas também social. Assim, o *self* envolve tudo aquilo que o homem pode chamar de “seu”, incluindo não apenas seu corpo e seus domínios psicológicos, mas também suas roupas, sua casa, sua família, seus amigos, seus ancestrais, etc. (James, 1890/1990). Apesar do foco nos processos internos, há um afrouxamento das fronteiras de separação entre mundo interno e externo (social). Essa evolução, seguramente, contribuiu para a sugestão posterior de uma natureza processual e construída para o *self*.

A complementaridade entre mundo interno e externo também é observada em outras concepções para o *self*.

Charles Cooley (1864-1929), por exemplo, é o precursor do entendimento do *self* enquanto resultado das comunicações sociais. Cooley (1902/1983) introduziu a metáfora do *self* que se olha no espelho, para ilustrar a ideia de que o senso de *self* individual é, inicialmente, formado a partir de suas percepções sobre como os outros o percebem. Assim, as reações dos outros funcionam como reflexos de um espelho, fornecendo informações que o indivíduo utiliza para construir seu senso de *self*. Numa direção semelhante, em seu livro *Mind, Self and Society*, Mead (1934) propõe que o *self* seja definido através das relações com os outros significativos, o que permite que a identidade possa emergir e mudar com o passar do tempo. A mente é o resultado de ser hábil para pensar, usar símbolos, pensar sobre o próprio *self* e é um processo que permite que nos comportemos socialmente.

O interacionismo simbólico, inspirado nas ideias de Mead (Sabourin, 2006) e de William James, propõe que o indivíduo conquista um sentido para si próprio no momento em que começa a agir em relação a si da mesma forma como age com outras pessoas (McCall & Simmons, 1966). O *self* se diferencia em dois componentes, o mim e o eu: um reflete a ênfase no nível do indivíduo o outro no nível social. O mim contém todas aquelas perspectivas sobre si mesmo que o indivíduo aprendeu dos outros. Já o eu refere-se ao fórum íntimo, a conversa interna que está constantemente ocorrendo dentro do organismo humano (McCall & Simmons, 1966).

A concepção de *self* como discurso surge no início dos anos 1980, com a segunda revolução cognitiva. Contudo, segundo Herman (2007), apóia-se: (1) no trabalho de Lev Vygotsky sobre as raízes sociais da inteligência humana; (2) na abordagem da análise do discurso (também chamada de análise conversacional) que se originou nas teorias etnometodológicas e centradas nos participantes do sociólogo Harold Garfinkel; (3) no trabalho de Ludwig Wittgenstein, que enfatizou a importância do encaixe das práticas humanas de construção de significados no contexto mais amplo de formas de viver.

Nessas concepções sobre o *self* é possível perceber um afrouxamento das fronteiras entre mundo interno e mundo externo, e fica estabelecido o papel das relações com os outros na constituição do *self*. As ideias desses pensadores influenciaram as teorias que serão apresentadas a seguir, ainda que essa origem nem sempre seja assumida. As teorias são classificadas em três subdivisões, considerando-se as respostas aos dilemas propostos por Bamberg e Zielke (2007), do mesmo modo que se fez na seção anterior.

Universalidade, mudança e direção para o desenvolvimento: do mundo para a pessoa

No curso do movimento pós-moderno surgem importantes teorias como o construcionismo, o construtivismo e os desenvolvimentos derivados dessas duas posições. O construcionismo apresenta uma crítica à concepção conteudista e pontual na forma de desconstrução radical e descentralizadora do *self*. O *self* não é mais uma estrutura cognitiva

privada e pessoal do indivíduo. Para Gergen e Thatchenkery (1996), um dos fundadores do construcionismo social, o *self* é relacional, um discurso constituído a partir das linguagens disponíveis na esfera pública. Há, portanto, uma ênfase no que é compartilhado e não na especificidade, no caráter único do *self*. O autor explica que, desde cedo, a criança começa a receber relatórios organizados sobre a ação humana através dos contos de fada, das lendas e das histórias de família. A familiaridade com as histórias evolui ao longo do desenvolvimento através de romances, biografias e histórias que vemos ou assistimos na televisão, cinema ou teatro. Por fim, essa convivência íntima e prolongada com as histórias servem como meio fundamental de nos tornarmos inteligíveis no mundo social. Gergen e Thatchenkery utiliza o termo *self*-narrativo para referir-se ao relato do indivíduo sobre o relacionamento entre os eventos relevantes para si ao longo do tempo. Para o autor, ao desenvolver uma *self*-narrativa, estabelecemos conexões coerentes entre eventos da vida, e a identidade é o resultado natural dessa história de vida.

Numa direção semelhante, encontra-se o conceito de *self* na teoria do posicionamento proposta em Harré e Langenhove (1999). O indivíduo pode posicionar a si mesmo, ou ser posicionado no discurso como um *self* com ou sem poder, admirável ou reprovável, etc. Também pode ocorrer que uma posição determine como as contribuições do falante devem ser colocadas nessa ou naquela polaridade (positiva ou negativa) no contexto da linha principal de história, como explica Herman (2007). Uma vez que as posições são selecionadas pelos participantes no discurso, ocorrem atos de fala que designam posições e constroem-se linhas de história que dão sentido ao que foi designado. Reciprocamente, as linhas de história fornecem um contexto no qual os atos de fala podem ser construídos com força para designar posições. Contudo, esses atos que posicionam o *self* e o outro não resultam sempre da vontade ou intenção do participante. Herman exemplifica que se pode, inocentemente, elogiar a pontualidade de alguém diante de pessoas que a criticam pelo caráter obsessivo de sua pontualidade, o que pode levar a uma interpretação equivocada do elogio. Desse modo, os fenômenos psicológicos deixam de ser vistos como expressões de um mundo mental interior e passam a receber descrições socialmente contextualizadas. A proposta do *self* como discurso tem recebido a crítica de sugerir um *self* esvaziado e sem conteúdo, onde não há espaço para a experiência individual (Guanaes & Japur, 2003).

Unicidade, mudança e direção para o desenvolvimento: do mundo para a pessoa

O *self* dialógico é uma perspectiva construcionista social, que propõe uma visão de *self* como uma conversa interna entre várias vozes ou pontos-de-vista. O *self* dialógico é constituído de caracteres internos (vozes), os quais podem diferir em termos de suas avaliações e assumir posições um em relação ao outro: eles dialogam um com o outro. Esse tipo de proposição está construída sobre a noção de Vygotsky de linguagem interiorizada, sobre a distinção

eu-mim de James e sobre o conceito de Bakhtin de *self* poli-fônico e foi elaborada por teóricos como Hermans, Valsiner e Wertsch (Bamberg, 2008). De acordo com essa perspectiva, tornar-se um *self* significa internalizar o diálogo corrente ao nosso redor. O *self* não é um ponto de consciência e vontade, descontextualizado do ambiente em que está inserido, nem algo totalmente disperso na totalidade mundana (Richardson et al., 1998). O *self* é uma instância de exclusividade individual, um corpo situado no tempo e espaço, possuidor de um senso de agência e responsabilidade.

Davies e Harré (1990) resumem as características da perspectiva construcionista social dialógica do *self* em quatro pontos: (1) as interpretações feitas pelo *self*, também chamadas de “linhas de história”, são textos compostos de categorias socialmente aprendidas e comunicáveis; (2) a pessoa se identifica com determinados tipos de linhas de história, isto é, ele define seu *self* em linhas de história; (3) a pessoa está constantemente fazendo uso e transformando suas linhas de história, na interação com o mundo; (4) as relações sociais se organizam repetidamente em torno das linhas de história que a pessoa enfatiza. Assim, o *self* é permeado pela alteridade e tem uma agência de ação responsável, o que remete à compreensão narrativa do sujeito.

No entanto, há uma descrição do *self* dialógico feita por Hermans (2001) que questiona os pressupostos de unicidade assumidos pelos autores russos do século passado. O *self* dialógico de Hermans enfatiza a ideia de que não há uma posição central do eu, mas, sim, múltiplas posições do eu que podem ser ocupadas pela mesma pessoa e que assumem uma determinada necessidade narrativa (Santos & Gomes, 2010). O *self* dialógico de Hermans, contudo, recebeu severas críticas na literatura (Michel & Wortham, 2002; Richardson et al., 1998; Souza & Gomes, 2009). De um modo geral, as críticas referem que o *self* dialógico de Hermans apresenta dificuldades em descrever a influência do tempo e do espaço na interação dialógica, não oferecendo uma explicação para como o embate entre vozes divergentes é resolvido ou harmonizado. Assim, esse *self* adquire o aspecto de um conglomerado de discursos fragmentados completamente carentes de um senso de agenciamento e responsabilidade por parte do indivíduo (Richardson et al., 1998).

Universalidade e unicidade, continuidade e mudança, e direção para o desenvolvimento: do mundo (relacionamento social) para a pessoa

O *self* como discurso ou o *self*-narrativo enfatizam a ideia de *self* como um texto em processo, mas há distinções entre essas abordagens, como explica Gergen e Thatchenkery (1996). O termo *self*-narrativo também tem sido usado por teóricos que buscam por processos cognitivos universais, por construtivistas que tendem a enfatizar a contingência cultural de vários estados psicológicos e por teóricos que se situam entre essas duas orientações.

A teoria sobre o *self* em Bruner situa-se entre duas orientações, mantém a visão da função cognitiva universal

(herança da psicologia cognitiva), ao mesmo tempo em que coloca uma forte ênfase nos sistemas de significado culturais (Herman, 2007). Bruner compartilha com outros teóricos e pesquisadores (Fivush & Haden, 2003; Nelson, 2003) a ideia de um *self* narrativo (Bruner, 1991), que seria uma entidade mental que se organiza dentro de uma perspectiva temporal através da autoria da história do sujeito, que interconecta seu passado, presente e futuro. Contudo, essa entidade mental é constituída pelo uso da cultura e realizada nela, isto é, um *self* definido pelos significados construídos pelo indivíduo e pela cultura em que está inserido (Bruner, 1986/1997). Nesse contexto, a narrativa seria a moeda de troca entre o *self* e o mundo social e, especificamente, as narrativas sobre o *self* constituem uma versão longitudinal do si mesmo (Bruner, 1986/1997). Uma posição que enfatiza a continuidade do *self*, mas permite vislumbrar as transformações no *self* em decorrência da experiência humana. Portanto, não há primazia de continuidade ou de mudança. Do mesmo modo, esse *self* originado na interação social destaca aspectos gerais e específicos, ao propor a constituição do *self* baseada na construção de significados para a experiência individual do sujeito, especialmente, por meio de sua capacidade narrativa.

De maneira semelhante, o trabalho de Nelson (2003) está alicerçado na psicologia cognitiva e na teoria sócio-interacionista de Vygotsky, com a sustentação de mais de vinte anos de pesquisas com adultos e crianças sobre memória autobiográfica. Nelson (2000) defende que o *self* emerge a partir das trocas verbais em forma narrativa e explanatória, com outros significativos, desde cedo na infância. Durante essas trocas verbais, compartilham-se ou recuperam-se experiências vividas, assim como as histórias e mitos que alicerçam a cultura. Desse modo, uma noção de continuidade do *self* ao longo do tempo é construída desde o próprio nascimento. Fivush e Haden (2003) explicam que a narrativa de vida que cada pessoa cria está encaixada em uma estrutura sociocultural, a qual define o que é apropriado lembrar, como algo deve ser lembrado e o que significa ser um *self* com um passado autobiográfico. Nelson (2003) explica que a ênfase relativa colocada no *self* nos diferentes contextos socioculturais influencia a forma e a função da memória autobiográfica e a necessidade de desenvolver uma narrativa unicamente pessoal de vida. As narrativas da cultura se entrelaçam com o desenvolvimento de uma memória individual, direcionando a construção da memória autobiográfica na qual se organiza uma consciência sobre o si mesmo, um *self*.

Uma vez que a memória autobiográfica funciona como base para a construção do *self*, então, além da inserção num contexto histórico-cultural, é preciso considerar a influência direta sobre o *self* das experiências vividas no passado do indivíduo, os acontecimentos importantes de sua história pessoal. Wilson e Ross (2003) argumentam que enquanto os nutricionistas dizem “Você é o que você come”, os psicólogos mais interessados na cognição dizem: “Você é o que consegue lembrar”. Muitos anos antes das evidências empíricas confirmarem a relação de dependência entre a

identidade do *self* e as memórias autobiográficas, William James (1890/1990) afirmou que se um indivíduo acordasse de manhã com todas suas memórias pessoais apagadas, ele seria uma pessoa completamente diferente. Wilson e Ross (2003) propõem que as visões de *self* e as crenças atuais influenciam as reconstruções que a pessoa faz de seu passado. E que, em contrapartida, o impacto do passado que é lembrado afeta a visão atual de *self*. A esse respeito, Bruner (2003) esclarece que estamos constantemente construindo e reconstruindo o *self* para fazer frente às situações que enfrentamos, e fazemos isso guiados por nossas memórias do passado e nossas esperanças e medos do futuro. Essas memórias, como explica Bamberg (2008), resultaram das histórias que contamos sobre nós, nossas autobiografias, assim como das histórias que são contadas sobre nós.

Entre os que defendem uma versão discursiva para o *self*, Herman (2007) também inclui teóricos cujo trabalho está embasado na fenomenologia, no existencialismo e nas teorias da personalidade (como McAdams). Esses também estão preocupados com os processos internos individuais que são, frequentemente, referidos como experiência. Porém, evitam a busca cognitivista por prever e controlar o comportamento individual e ainda substituem a ênfase na determinação da cultura, pelo investimento mais humanista no *self* como autor ou agente.

Considerações Finais

Examinar como os conceitos de *self* se articulam nas diferentes abordagens psicológicas não remete apenas a diferenças epistemológicas, mas também conduz a diferenças nas concepções para o desenvolvimento humano. Entende-se que as nuances dos diferentes conceitos só podem ser apreendidas através da concepção desenvolvimental que a teoria psicológica oferece. As teorias psicológicas sobre o desenvolvimento humano evoluíram ampliando seu foco inicial centrado no interior do indivíduo, para incluir suas relações com os outros e com o ambiente, isto é, o indivíduo em um contexto.

Ao definir o *self*, cada perspectiva teórica apresentada no texto seguiu caminhos diferentes que privilegiaram a estabilidade ou as transformações; a busca pelo único e específico ou pelo universal; e que defenderam que o desenvolvimento humano se dá na direção da pessoa para o mundo social ou do mundo social para a pessoa. Ao buscar características universais para o *self*, por exemplo, tem-se a generalidade como figura e deixa-se como fundo as especificidades.

A utilização dos eixos propostos por Bamberg e Zielke (2007) demonstrou que esse debate acerca do *self* segue lógica semelhante aos eixos de análise da psicologia desenvolvimental. O dilema da identidade nos revela inovações no conceito de *self* com o aparecimento de pesquisas que relacionaram os campos da psicologia do desenvolvimento e da memória autobiográfica. Com relação à unicidade, observam-se variações ao surgir o debate em torno do conceito de agência. O conceito de *self* partiu de uma discussão sobre o autoconhecimento

para uma construção comunitária, do mecanismo para a ação, da estrutura para o processo (Gergen, 1985). E o tradicional debate que permeia toda a análise histórica da psicologia se faz novamente presente na análise do *self* (Hilgard, 1987), isto é, observa-se um movimento entre a delimitação rígida das fronteiras entre mundo interno e externo e o posterior “esfumaçamento” de tais fronteiras. Este fato, por sua vez, acompanha historicamente os debates sobre a globalização face aos avanços tecnológicos da humanidade.

Em decorrência dessas transformações, aumenta o número de variáveis a serem consideradas na composição do conceito. Para falar do *self* de uma mulher de 2012, pode-se olhar para o seu passado e ver onde ela cresceu e a história de seus ancestrais. Ou também se pode situá-la enquanto uma mulher ocidental urbana de classe média. E ainda considerar todas as posições que ela ocupa, enquanto mulher, profissional, mãe, colega e, até mesmo, seu perfil em um *site* de relacionamentos. Ou seja, a diversidade de contextos de observação do *self* se deu justamente pela ênfase no plano comunicacional. A linguagem ocupou a posição de “carro-chefe” no incremento de sentidos para o *self*, enquanto objeto passível de ser conceituado. Ao se entender a evolução da linguagem na espécie humana e suas diversas formas de reflexividade como o ápice do aperfeiçoamento enquanto espécie produtora de atos complexos e articulados, coloca-se o *self* como um destes complexos e articulados produtos.

Este texto ofereceu um exercício retórico de construção de categorias discursivas que auxiliam na construção de diferenças entre as abordagens do *self*, considerando-se as implicações da utilização de uma ou outra epistemologia para a compreensão do *self*. Entende-se que os desafios para o campo de estudos sobre o *self* assemelham-se ao debate sobre a unificação da psicologia. Isso porque, quer se enfatize a necessidade de foco no fenômeno, quer em linhas particulares de uma ou outra disciplina, permanece o debate entre as diferentes ontologias, nas quais os limites entre o mundo interno e externo variam de acordo com a lente que se utiliza para observá-los.

Referências

- Ashmore, R. D., & Jussim, L. (1997). Toward a second century of the scientific analysis of self and identity. In R. D. Ashmore & L. Jussim (Eds.), *Self and identity: Fundamental issues* (pp. 3-23). New York: Oxford University Press.
- Bamberg, M. (2008). Selves and identities in the making: The study of microgenetic processes in interactive practices. In U. Müller, J. I. M. Carpendale, N. Budwig, & B. Sokol (Eds.), *Social life and social knowledge: Toward a process account of development* (pp. 205-224). New York: Lawrence Erlbaum.
- Bamberg, M., & Zielke, B. (2007). From dialogical practices to polyphonic thought? Developmental inquiry and where to look for it. *International Journal for Dialogical Sciences*, 2(1), 223-242.

- Bruner, J. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 18(1), 1-21.
- Bruner, J. (1997). *Realidade mental, mundos possíveis* (M. A. G. Domingues, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1986)
- Bruner, J. (2003). Self-making narratives. In R. Fivush & C. A. Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives* (pp. 209-226). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Casas, F. (2005). Desafios atuais da psicologia na intervenção social. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 42-49. doi:10.1590/S0102-71822005000200007
- Chandler, M. (2000). Surviving time: The persistence of identity in this culture and that. *Culture & Psychology*, 6(2), 209-231. doi: 10.1177/1354067X0062009
- Cooley, C. H. (1983). *Human nature and the social order*. New York: C. Scriber. (Original publicado em 1902)
- Correia, M. F. B. (2003). A constituição social da mente: Redescobrimo Jerome Bruner e construção de significados. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8(3), 505-513. doi:10.1590/S1413-294X2003000300018
- Davies, B., & Harré, R. (1990). Positioning: The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 20(1), 43-63. doi:10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174.x
- Fivush, R., & Haden, C. A. (2003). Introduction: Autobiographical memory, narrative and self. In R. Fivush & C. A. Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives* (pp. vii-xiv). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Galván, G. B., & Amiralian, M. L. T. M. (2009). Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. *Aletheia*, (30), 50-58.
- Gazzaniga, M. S., & Heatherton, T. F. (2003). *Psychological science: Mind, brain, and behavior*. New York: W. W. Norton.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275. doi:10.1037/0003-066X.40.3.266
- Gergen, K. J. (1991). *The saturated self: Dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- Gergen, K. J. (1994). *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gergen, K. J., & Thatchenkery, T. J. (1996). Organization science as social construction: Postmodern potentials. *Journal of Applied Behavioral Science*, 32(4), 356-377. doi:10.1177/0021886396324002
- Guaanes, C., & Japur, M. (2003). Construcionismo social e metapsicologia: Um diálogo sobre o conceito de self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 135-143. doi:10.1590/S0102-37722003000200005
- Guimarães, S. C. S. R. (2005). O adolescente e a família: Um par que dá certo [CD-ROM]. *Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa*, 6.
- Harré, R., & Langenhove, L. (1999). *Positioning theory: Moral contexts of intentional action*. Malden, MA: Blackwell.
- Herman, D. (2007). Storytelling and the sciences of mind: Cognitive narratology, discursive psychology and narratives in face-to-face interaction. *Narrative*, 15(3), 306-334. doi:10.1353/nar.2007.0023
- Hermans, H. J. M. (2001). The construction of a personal position repertoire: Method and practice. *Culture & Psychology*, 7(3), 323-365. doi:10.1177/1354067X0173005
- Hilgard, E. R. (1987). *Psychology in America: A historical survey*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich.
- James, W. (1990). *The principles of psychology*. Oxford, England: Dover. (Original publicado em 1890)
- McCall, G. J., & Simmons, J. L. (1966). *Identities and interactions*. New York: Free.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self, and society: From the standpoint of a social behaviorist*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Michel, A. A., & Wortham, S. E. F. (2002). Clearing away the self. *Theory & Psychology*, 12(5), 625-650. doi:10.1177/0959354302012005896
- Nelson, K. (2000). Narrative, time and the emergence of the encultured self. *Culture & Psychology*, 6(2), 183-196. doi: 10.1177/1354067X0062007
- Nelson, K. (2003). Narrative and self, myth and memory: Emergence of the cultural self. In R. Fivush & C. A. Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives* (pp. 3-28). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Oliva, A. D., Dias, G. P., & Reis, R. A. M. (2009). Plasticidade sináptica: Natureza e cultura moldando o self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 128-135. doi:10.1590/S0102-79722009000100017
- Oliveira, M. C. S. L. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: Uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436. doi:10.1590/S1413-73722006000200022
- Páramo, P. (2008). La construcción psicosocial de la identidad y del self. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 40(3), 539-550.
- Rasera, E. F., Guaanes, C., & Japur, M. (2004). Psicologia, ciência e construcionismos: Dando sentido ao self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 157-165. doi:10.1590/S0102-79722004000200004
- Richardson, F. C., Rogers, A., & McCarroll, J. (1998). Toward a dialogical self. *American Behavioral Scientist*, 41(4), 496-515. doi:10.1177/0002764298041004004
- Rogers, C. (1995). *Tornar-se pessoa* (J. C. Ferreira & A. Lamparelli, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1961)

- Sabourin, T. C. (2006). Theories and metatheories to explain family communication: An overview. In L. H. Turner & R. West (Eds.), *The family communication sourcebook* (pp. 43-60). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Santos, M. A., & Gomes, W. B. (2010). Self dialógico: Teoria e pesquisa. *Psicologia em Estudo, 15*(2), 353-361. doi:10.1590/S1413-73722010000200014
- Shotter, J. (1997). The social construction of our “inner” lives. *Journal of Constructivist Psychology, 10*, 7-24.
- Souza, M. L., & Gomes, W. B. (2009). Temporalidade e espacialidade na estrutura do self nas abordagens semiótica e dialógica. *Psicologia em Estudo, 14*(2), 365-373. doi:10.1590/S1413-73722009000200018
- Strawson, G. (2005). The self. In S. Gallagher & J. Shear (Eds.), *Models of the self* (pp. 1-24). Charlottesville, VA: Imprint Academic.
- Taylor, C. (1992). The dialogical self. In D. R. Hiley, J. Bohman, & R. Shusterman (Eds.), *The interpretive turn: Philosophy, science, culture* (pp. 309-313). Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Wilson, A. E., & Ross, M. (2003). The identity function of autobiographical memory: Time is on our side. *Memory, 11*(2), 137-149. doi:10.1080/741938210
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1965)

Lídia Suzana Rocha de Macedo é Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Amanda da Costa da Silveira é Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Recebido: 17/05/2010
1ª revisão: 21/11/2010
Aceite final: 15/02/2011

Como citar este artigo:

Macedo, L. S. R., & Silveira, A. C. (2012). Self: Um conceito em desenvolvimento. *Paidéia (Ribeirão Preto), 22*(52), 281-289.